OS INSTRUMENTOS DA HELENIZAÇÃO

Airton José da Silva

"Verificou-se desse modo tal ardor de helenismo e tão ampla difusão de costumes estrangeiros (...) que os próprios sacerdotes já não se mostravam interessados nas liturgias do altar" (2Mc 4,13a.14a).

A chegada dos poderosos exércitos macedônios com Alexandre Magno em 332 aC, mas, principalmente, as várias guerras travadas por seus sucessores nas regiões da Síria e da Palestina, constituem, sem dúvida, eficaz elemento de helenização das populações locais. A fundação de novas cidades ou a transformação de várias cidades orientais em *póleis* constituem outro mecanismo fundamental de mudança de mentalidade e estilo de vida. Nas cidades, a língua grega que se difunde sempre mais e a educação aristocrática desenvolvida nos ginásios completam este quadro de transformação social, levando à assimilação de grandes camadas da população à nova realidade.

O assunto deste artigo é este: verificar como os vários mecanismos da sociedade e da cultura grega carreiam para a Palestina os valores do dominador estrangeiro.

1. O exército, as técnicas militares e a guerra

Quando Alexandre chega à Ásia, vence os exércitos persas, destrói a fabulosa resistência de Tiro, toma posse do resto da Palestina sem esforço, é aclamado no Egito, o que sentem os judeus? Sentem evidentemente o impacto da chegada de uma poderosa organização militar e de suas bem estruturadas técnicas de cerco e combate. Assim, é o exército macedônio o primeiro veículo concreto do helenismo na Palestina e a certeza de que novos tempos estão começando.

A unidade básica do exército macedônio é a *falange*, formada por uma unidade de infantaria pesada agrupada numa frente de dezesseis fileiras de soldados. Estes usam o capacete macedônio, uma couraça, um escudo de forte concavidade, uma espada e, sobretudo, a sarissa, uma longa lança que pode ultrapassar os 5 metros de comprimento. O resultado é uma concentração impenetrável de lanças que avança inexoravelmente ao encontro do inimigo. Os combatentes da primeira fila são protegidos pelas lanças dos soldados da segunda, terceira, quarta e quinta filas, de modo que, antes dos romanos, só uma falange pode vencer outra falange. Todas as formações existentes nos exércitos orientais mostram-se impotentes para detê-la.

O problema da falange é que ela exige terreno plano para combater com eficiência e possui pouca flexibilidade, ficando exposta aos ataques nos flancos e não conseguindo se voltar para enfrentar uma manobra de envolvimento. Por isso, é necessário protegê-la com a cavalaria e com tropas ligeiras, o que Alexandre Magno sabe fazer com eficiência. No século II aC a falange sucumbe frente à legião romana, como ilustra a batalha de Cinoscéfalos, quando em 197 aC o cônsul romano Flamínio vence o rei Filipe V da Macedônia.

Convém, enfim, observar que os exércitos helenísticos são constituídos, na sua maioria, pela infantaria, pois a cavalaria representa apenas cerca de 10% do total. Os mercenários, sempre numerosos, usam, em geral, seu armamento característico de acordo com sua origem e avançam com maior mobilidade à frente da falange, enfrentando os primeiros embates.

O *elefante* asiático é outro elemento importante nos exércitos macedônios, verdadeiro "tanque" de guerra, incorporado após a campanha de Alexandre na Índia. Todos os governantes macedônios procuram usá-lo. Diz-se que Seleuco, na batalha de Ipsos, em 301 aC, conta com 480 elefantes. Ptolomeu II Filadelfo começa a treinar elefantes africanos. Na batalha de Ráfia, em 217 aC, Ptolomeu IV usa 73 elefantes africanos contra os 102 elefantes indianos de Antíoco III, o Grande. Também os cartagineses os usam em suas guerras contra Roma, tornando-se famoso o elefante de Aníbal, chamado Suro.

Os efetivos usados pelos reis helenísticos nas batalhas são consideráveis se comparados aos da *pólis* clássica. O efeito que podem provocar no inimigo é o terror, como descreve 1Mc 6,41, a propósito da batalha de Bet-Zacarias entre as forças de Judas Macabeu e o exército selêucida: *"Ficavam apavorados todos os que ouviam o clamor daquela multidão, o marchar de tanta gente e o retinir de suas armas, pois era um exército extraordinariamente numeroso e forte"*.

Exércitos com cerca de 100 mil homens de infantaria, 10 mil cavaleiros e uma centena de elefantes são bastante comuns nas batalhas da época. Por isso, às vezes, uma guerra é decidida em uma única batalha. Tantos são os recursos mobilizados, que o perdedor não consegue mais se recuperar a curto prazo. Além do que, os mercenários não costumam permanecer com um rei ou general derrotado.

Para a conquista das cidades, em geral todas fortemente muradas, as *técnicas de assédio* empregadas pelos macedônios são sofisticadas. A artilharia de cerco usa dezenas de catapultas de 7 a 10 metros de altura, que lançam projéteis de 80 kg a uma distância de 400 a 700 metros. Consta que no assalto a Tiro Alexandre usa torres de até 50 metros de altura, montadas sobre rodas, para alcançar e atingir os defensores das muralhas. Mas estas medidas são exageradas, já que tal altura ultrapassa em muito a das muralhas. Outro cerco famoso é o que Demétrio Poliocerta (= "conquistador de cidades") faz a Rodes em 304 aC.

Outra técnica de assédio é o uso de minas que destroem as muralhas. Consiste em abrir um túnel sob as muralhas e escorá-lo com madeira, na qual, em seguida, se coloca fogo: o calor produzido faz desabar aquele trecho das fortificações.

No mar, a *trirreme* continua a ser a unidade fundamental, mas "vê-se também aparecerem grandes barcos com trinta ou quarenta fileiras de remadores, cobertos com blindagem de madeira contra os golpes de esporões e trazendo em abundância torres e máquinas"[1]. São usadas frotas de até 500 barcos de guerra. Nau de três bancadas, a trirreme é construída pela primeira vez em Corinto, por volta de 700 aC. Uma trirreme clássica é uma embarcação estreita e longa: mede cerca de 40 metros de comprimento por 5 metros de largura. Possui um mastro e uma vela principais, baixados antes do combate e às vezes substituídos por um mastro e uma vela menores. Uma trirreme ateniense, por exemplo, leva uma tripulação de 200 homens. Destes, 170 remam, enquanto 30 ficam de reserva. Uma trirreme chega à velocidade de 7,5 milhas marítimas por hora. As trirremes não possuem espaço a bordo para o preparo das refeições e nem para que os homens durmam. Isto é feito em terra.

É preciso lembrar, no que diz respeito à Palestina, que mercenários judeus já lutam em exércitos gregos mesmo antes de Alexandre Magno. Tornam-se, assim, conhecedores competentes desta organização militar, o que será útil, mais tarde, à resistência macabéia contra os Selêucidas.

Enfim, a guerra é um elemento central na civilização helenística, por razões econômicas, estratégicas ou ideológicas. De tal modo que a paz é apenas um período de preparação de uma nova guerra.

Calcula-se que, entre a morte de Alexandre, em 323 aC, e a chegada de Pompeu, em 63 aC, a Palestina é palco de pelo menos 200 campanhas militares, o que não é de se desprezar. Com todas as seqüelas conhecidas de destruições, requisições, mortes, escravidão. A literatura da época conserva imagens significativas da visão judaica sobre o poder de Alexandre Magno e de seus sucessores. Como em 1Mc 1,1-4 que fala de "numerosas guerras", do extermínio dos "reis da terra", de seu avanço "até as extremidades do mundo", e, pateticamente, do silêncio da terra diante do conquistador poderoso, que é Alexandre Magno. Ou na simbólica linguagem de Dn 7,7 e Dn 11,3.

2. Helenismo, fenômeno urbano

Um fato que logo chama a atenção de quem começa a estudar o helenismo é o fenômeno urbano. O helenismo é um fenômeno tipicamente urbano. A cidade é o seu berço. O processo de urbanização começa com Alexandre Magno, aprofundando-se com seus sucessores, e se generaliza sob o Império Romano. Roma cria um forte mercado, transformando o Mediterrâneo em movimentada via de comunicação interna, o que leva as cidades portuárias a grande desenvolvimento. Este processo de

1. LÉVÊQUE, P. *Impérios e barbáries do século III aC ao século II dC.* Lisboa: Dom Quixote, 1979, p. 32.

urbanização atinge também o mundo judaico e a aristocracia de Jerusalém luta para transformá-la numa *pólis*. Por isso é preciso verificar este fenômeno de disseminação da *pólis*, na época, como fator de helenização.

Quando Alexandre Magno conquista o Oriente, a maior parte das cidades o acolhe favoravelmente e sem resistência. Nas cidades gregas da Ásia Menor – mas também nas cidades sírias e fenícias – Alexandre destitui os governos oligárquicos sustentados pela Pérsia e restabelece a democracia, restituindo-lhes a autonomia e a liberdade, embora coloque nestas cidades guarnições macedônias. As populações gregas da Ásia acolhem-no como um libertador. Por outro lado, se as cidades resistem à sua interferência, são destruídas e repovoadas com colonos estrangeiros. É o que acontece com Tiro, Gaza e Samaria, por exemplo. Às vezes Alexandre mantém o tributo que é cobrado pelos persas, mas redireciona-o para as divindades locais, como faz em Éfeso, onde o santuário de Ártemis passa a recebê-lo. Com isto ele consegue o consenso da população local para a implantação da nova ordem macedônia.

Entretanto, o ideal sonhado pelas cidades libertadas é o de não pagar tributo, não alojar guarnições militares e nem sustentar o exército conquistador. Do que se conclui que sua "liberdade" é bastante relativa, pois Alexandre exige as três coisas.

Por que Alexandre fortalece as cidades? Porque ele precisa de fortalezas bem localizadas para a defesa do território, e as antigas cidades, em geral, estão em pontos estratégicos; porque ele precisa de sua estrutura social e política para garantir o seu domínio e porque ele precisa sustentar o seu exército.

As cidades orientais são também ideologicamente apropriadas pelos conquistadores, pelo menos segundo os escritores gregos, que relatam suas lendas de fundação como lendas gregas. Através de especulações etimológicas ou mitológicas, várias cidades da Palestina, por exemplo, são consideradas gregas porque "fundadas" por gregos. Assim Ráfia é relacionada com Dionísio, Gaza com um filho de Héracles, Dora com Doros, filho de Poseidon e assim por diante.

Os sucessores de Alexandre, em permanente conflito entre si, interferem muito nas cidades, transformando sua "liberdade" em obrigação de ficar do lado do governante do momento e não do lado do rei concorrente.

Uma cidade, para ter autonomia, que é um dos elementos da liberdade concedida pelos reis, precisa conservar os organismos da vida política herdados da idade clássica. Estes organismos básicos são os seguintes: magistraturas e sacerdócios epônimos, a *boulé* ou *gerousia*, estrategia, funções judiciárias, ginasiarquia e educação, organização das festas, provisão e supervisão dos mercados e polícia. As constituições das *póleis* helenísticas inspiram-se nos modelos jônios, dórios ou atenienses. Ou combinam vários modelos. Platão e Aristóteles, no século IV aC, trabalham a questão da dimensão política da cidade, embora estas dimensões variem muito na época helenística. Apesar da autonomia, as cidades helenísticas não são totalmente independentes,

pois estão situadas no interior de reinos e impérios. Daí os constantes e variados modos de intervenção real nas cidades.

3. E todos falavam uma só língua: a koiné

Veículo fundamental de difusão do modo de vida grego no Oriente é a língua grega, conhecida neste período sob a forma de *koiné*. *Koiné* significa "comum", e designa a língua única, comum a todos, que substitui, após as conquistas de Alexandre Magno, a pluralidade dos dialetos gregos. Esta língua, mais simples do que o grego clássico e mais flexível na absorção de elementos novos, torna-se instrumento indispensável para a comunicação dos povos tão diferenciados que constituem as monarquias helenísticas.

Para entendermos a importância da koiné como instrumento de helenização é necessário verificarmos o seu papel na circulação dos bens culturais e na estrutura política do dominador macedônio. Os modos de circulação da koiné são os jogos, as artes (poesia, música, teatro), o comércio, a ciência, a filosofia, o exército, a administração...

M. Hengel observa que "os mercadores gregos negociavam nela [na koiné], tanto na Báctria, nas fronteiras da Índia, quanto em Marselha; as leis eram promulgadas nela e os tratados elaborados segundo determinado esquema; ela era a língua do diplomata e do homem de letras; e qualquer um que almejasse respeitabilidade social ou apenas a reputação de ser um homem educado deveria ter um impecável conhecimento dela"[2].

Vejamos, em primeiro lugar, *os jogos*, eficiente modo de circulação da koiné e dos padrões gregos de comportamento. Na época helenística há grande difusão dos jogos de tipo olímpico. Tanto os reis, como os santuários ou as cidades os instituem por toda parte. Ou para honrar seus antepassados, ou para comemorar uma vitória, ou ainda para agradecer aos deuses por terem se salvado de alguma catástrofe.

H.-I. Marrou, em seu conhecido estudo sobre a educação na Antigüidade, diz a propósito: "Onde quer que se implante o helenismo aparecem ginásios, estádios, edificações esportivas; reencontramo-los por toda parte, de Marselha à Babilônia ou Susa, do Egito meridional à Criméia e não somente nas grandes cidades, mas até nas menores aldeias de colonização, por exemplo, em Fayum. O esporte não é para os gregos apenas um divertimento apreciado; é algo de muito sério, que se relaciona com todo um conjunto de preocupações higiênicas e médicas, estéticas e éticas a um só tempo"[3].

2. HENGEL, M. *Judaism and Hellenism. Studies in their Encounter in Palestine during the Early Hellenist Period I.* London: SCM Press, 1981, p. 58.

3. MARROU, H.-I. *História da educação na antigüidade.* São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1990, 5ª reimpressão, p. 185.

Há quatro grandes festivais pan-helênicos, ocasião em que vêm visitantes de todas as partes do mundo grego e em que circulam músicos, atores, poetas, políticos e atletas. Estes festivais enfatizam a unidade da raça grega, incentivam a prática do atletismo como uma postura social civilizada e estimulam as artes, especialmente a poesia, a música, a escultura e a pintura. São eles: *o festival Olímpico*, celebrado em Olímpia a cada quatro anos; *o festival Pítico*, realizado em Delfos no terceiro ano de cada Olimpíada, em agosto-setembro, para celebrar a vitória de Apolo sobre a serpente Píton; *o festival Ístmico*, celebrado no istmo de Corinto em honra de Melicertes, um grego divinizado que morre afogado e cujo cadáver aparece numa praia do istmo de Corinto; e *o festival Nemeu*, realizado a cada dois anos no vale de Nemea, perto de Cleonéia, na Argólida, dois meses após o festival Ístmico. A tradição diz que o festival se celebra em honra de Ofeltes, morto durante a expedição dos Sete contra Tebas[4].

Sobre o festival Olímpico, observa P. Harvey: "Poetas e oradores aproveitavam-se da grande afluência de visitantes para tornarem-se conhecidos mediante a declamação de suas obras. Atletas e donos de cavalos de corridas vinham de muitos Estados gregos, e realizava-se simultaneamente uma grande feira. Pode-se fazer uma idéia aproximada do número de pessoas presentes ao festival considerando o fato de o estádio de Olímpia ter capacidade para acomodar 40.000 espectadores sentados"[5].

Além das festas pan-helênicas, há *as festas regionais*, que também atraem visitantes. Em Atenas são celebradas as Panatenaias, as Tesmoforias, as Targélias, as Pianêpsias, as Apatúrias e 4 festas em honra de Dionísio (as Dionísias Rústicas, as Lenaias, as Antestérias e as Dionísias Urbanas). Em Esparta são celebradas as Ginopedias e as Cárneias. Em Argos, a Heraia etc.

Mas, deixemos as festas. Vamos a outro modo de circulação da koiné: os *médicos* ambulantes. Há também os médicos da corte, que além de exercerem sua função técnica são, freqüentemente, discretos conselheiros reais e até embaixadores. Mas o que nos interessa são os médicos públicos.

O médico público é nomeado pela assembléia do povo na *pólis* e recebe seus proventos da cidade, que institui um imposto para tal fim. São muito respeitados e vários decretos honoríficos louvam sua competência e devotamento, especialmente em situações críticas como terremotos e epidemias. Hipócrates, nascido em Cós por volta de 460 aC, é o modelo do médico grego.

Como vimos, as conquistas de Alexandre alargam os domínios gregos em desmesurada proporção. As guerras contínuas entre os vários Estados helenísticos e entre estes e Roma criam a necessidade de amplo uso da diplomacia. Assim, os embaixadores são também portadores da língua grega que chamamos de koiné. Como

4. Cf. HARVEY, P. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987, verbete *Festivais*.

5. HARVEY, P., *o.c.*, verbete *Festivais*.

não existe um corpo diplomático permanente e profissional, são filósofos, médicos, sábios, historiadores e juristas que cumprem tais tarefas. Ou homens ricos de famílias de renome.

A *filosofia* é outro instrumento de circulação da koiné. Quatro grandes escolas florescem, além de outras tendências menores. Gente de todo o mundo helenístico acorre aos grandes centros filosóficos ou escuta os filósofos ambulantes.

As quatro grandes escolas são a *Academia*, fundada por Platão, que pensa em dedicar-se à política, mas acaba voltando-se para a filosofia quando conhece Sócrates, por volta de 407 aC, tornando-se seu fiel aluno. Outra grande escola filosófica é o *Liceu*, fundado por Aristóteles em 335 aC. A influência de Aristóteles sobre todo o conhecimento, ciência e cultura posteriores é imensa. O *Jardim* é a escola fundada por Epicuro em 306 aC[6], enquanto que o *Pórtico* é fundado por Zenão de Cítion, um semita de Chipre, por volta de 315 aC em Atenas, e leva este nome porque funciona em uma *Stoá* (= colunata, pórtico). Um dos aspectos mais populares do estoicismo é a sua pregação de uma fraternidade universal entre os homens, onde não haveria distinção entre gregos e bárbaros nem entre livres e escravos. Segundo o estoicismo "o essencial é distinguir 'o que depende de nós' e 'o que não depende de nós'. No segundo grupo fica tudo o que depende das paixões, e o que é preciso aprender a renunciar através de uma longa ascese que vai conduzir ao domínio sobre si próprio, à apatia (ausência de paixão). O que depende de nós é precisamente a vontade, que faz do sábio um igual a Deus. Moral dura mas exaltante, que torna o homem independente das circunstâncias, e, em particular, da sua classe e da sua situação"[7]. Mas esta moral estóica é fatalista, pois sustenta o conformismo a uma dada ordem.

Além destas quatro grandes escolas, devem ser mencionados também os céticos e os cínicos. A *Escola Cética* é fundada por Pírron de Élis, que vive de ap. 365 a 275 aC. Pírron participa da expedição de Alexandre Magno. Pírron parte das contradições percebidas pelos sentidos e pelas operações do espírito para afirmar a impossibilidade do conhecimento da natureza das coisas. Então ele prega a suspensão do julgamento e a indiferença em relação ao mundo exterior[8]. A *Escola Cínica* é fundada em Atenas

6. HARVEY, P., *o.c.*, verbete *Epícuros*, explica que "os ensinamentos dessa escola filosófica são condensados concisamente nas doze palavras que o filósofo epicurista Diógenes de Oinoanda (na Líbia) inscreveu em um lugar de meditação em sua cidade: '*Aphobon ho theós, anáistheton ho thánatos, tó agathon euktêton, tó deinon euekkartêreton*' (não há o que temer em Deus, não se sente a morte, o Bem está ao nosso alcance, o Mal é suportável)". Segundo o epicurismo não há por que temer dos deuses, porque eles são indiferentes em relação aos homens e não há por que temer a morte, porque a alma é constituída de sutis átomos materiais e estas se desagregam no momento da morte. O epicurismo é uma filosofia de notável sucesso na época helenística, tanto no Oriente quanto em Roma. Atinge as classes populares, as mulheres e os escravos. Da Palestina conhecemos Filodemo de Gadara, filósofo epicurista do século I aC.

7. LÉVÊQUE, P. *O mundo helenístico*. Lisboa: Edições 70, 1987, p. 119. O estoicismo difunde-se muito por todo o mundo helenístico e no ambiente romano. Cícero, Sêneca, o Filósofo, e Marco Aurélio, imperador romano, por exemplo, são estóicos. Na Palestina destacam-se os filósofos estóicos Boécio de Sídon, do século II aC, e Antíoco de Askalon, dos séculos II/I aC.

8. Cf. HARVEY, P., *o.c.*, verbete *Escola Cética*.

por Antístenes, nascido por volta de 440 aC. Antístenes é discípulo e amigo de Sócrates. A escola tem esse nome porque funciona no ginásio Cinosarges, nome de um local a leste de Atenas, fora das muralhas, onde há um santuário de Héracles, aliás, segundo Antístenes, o modelo a ser imitado. O cinismo é um típico fenômeno de contracultura, meio parecido com o movimento hippie. "O cinismo é uma reivindicação de liberdade absoluta, tanto em relação às paixões quanto às necessidades físicas e às obrigações sociais. Ele é uma exasperação do ideal de autarquia, tão fortemente enraizado na mentalidade grega"[9].

Para terminar a questão filosófica, é útil lembrarmos que com Sócrates, Platão e Aristóteles a filosofia grega chega ao seu ápice. Mas a sua reflexão se situa no âmbito da cidade-estado independente, condição que as conquistas de Alexandre Magno e a fundação das monarquias helenísticas ultrapassam. Os ensinamentos destes grandes filósofos tornam-se insuficientes para responder à nova realidade. As novas correntes de pensamento, especialmente o estoicismo e o epicurismo, atentos a essa realidade, deslocam o interesse da metafísica e da epistemologia para os problemas práticos da conduta humana. Entretanto, "são filosofias mais da resignação que da esperança, e procuram um caminho para a paz e a felicidade no estado de espírito do indivíduo, tornando-o independente das circunstâncias exteriores"[10].

Deixando de lado a filosofia e voltando à Judéia, observamos que também aí a koiné deixa as suas marcas. Os papiros de Zenão testemunham ser a língua grega bem conhecida pela alta sociedade do judaísmo palestino já por volta do ano 260 aC e as cartas que o judeu Tobias escreve a Apolônio e ao rei Ptolomeu II Filadelfo testemunham que seu secretário domina um excelente grego[11].

Devemos supor que também em Jerusalém, no século III aC, uma respeitável minoria aristocrática fale o grego corretamente. Sabemos que José, o filho de Tobias, incrementa o modo de vida grego em Jerusalém a partir de 242 aC, quando se torna o *prostátes*, chefe administrativo e financeiro da Judéia. Enquanto o senhor feudal Tobias residia na Transjordânia, José e os seus descendentes viviam na cidade junto com a nobreza que tendia a urbanizar-se, de modo que Jerusalém pouco a pouco se abriu à influência helenística.

9. PRÉAUX, C. *Le monde hellénistique. La Grèce et l'Orient (323-146 av. J.-C.) II*. Paris: Presses Universitaires de France, 1988[2], p. 620. Diógenes de Sinope, do século IV aC, é o mais famoso filósofo cínico.

10. HARVEY, P., *o.c.*, verbete *Filosofia*. O que é confirmado por PRÉAUX, C. *Le monde hellénistique II*, p. 607: "Os filósofos helenísticos têm uma função de evasão: vontade de contracultura dos cínicos, procura de indiferença pelos epicuristas, fatalismo dos estóicos, suspensão de julgamento dos céticos".

11. Os papiros de Zenão constituem uma coleção de cerca de 2.000 papiros, encontrados após 1910, perto da antiga Filadélfia, localizada nas vizinhanças do oásis de Fayum, Egito, e trazem os arquivos de Zenão, que entra para o serviço de Apolônio, poderoso ministro de Ptolomeu II Filadelfo, no qual permanece 13 anos, de 261 a 248 aC. Zenão faz uma viagem de negócios para seu patrão, à Palestina, no final de 260 aC. Fica na região até o começo de 258 aC, isto é, por um período de 13 a 14 meses e alguns de seus papiros relatam o que aconteceu por lá.

Quando o rei selêucida Antíoco IV Epífanes entra em choque com os judeus no século II aC o grego já é muito difundido. A luta dos Macabeus e a resistência à helenização não impedem a difusão da língua nem diminuem a sua influência. Até mesmo porque, se os Macabeus desejam influenciar a numerosa e forte diáspora judaica de fala grega, precisam desta língua internacional. Atestam esta realidade a produção literária judaica em grego e a tradução grega de obras escritas em hebraico.

Finalmente, é necessário observar que o costume de adotar nomes gregos cresce progressivamente entre os judeus e por toda a Palestina. Uma forma intermediária bastante usada pelos judeus é o nome duplo semita-grego, como Eliakim-Alcimo, Yeshua-Jasão, Simeão-Simão.

A barreira lingüística é uma barreira social. Ilustra-o o caso – até mesmo cômico – que está em um dos papiros de Zenão (Papiro Colúmbia-Zenão 66). No fim de sua viagem pela Palestina, em 258 aC, Zenão deixa em Jope um seu auxiliar sem o pagamento prometido. Ele então foge para o interior do país "para não morrer de fome". Ao ser obrigado a voltar para o Egito é privado até mesmo do salário mínimo e diz:

> "Por isso estou angustiado no verão e no inverno. Jasão mandou-me aceitar vinho de má qualidade como pagamento. Agora tratam-me com desprezo, porque sou um bárbaro. Peço-lhe, portanto, (...) que exija deles dar-me o que me cabe e que para o futuro dêem-me todo o pagamento para que não morra de fome pelo fato de não conhecer corretamente a língua grega (*hóti ouk epístamai hellênízein*)".

Com efeito, o termo *hellênízein* significa primariamente "falar grego corretamente" e também "adotar um estilo de vida grego". E a ironia: a carta do suplicante está escrita em grego... Assim como os nossos atuais cientistas sociais precisam escrever em inglês para denunciar o domínio do primeiro sobre o terceiro mundo...

4. Semelhantes a deuses: a educação aristocrática

Outro forte instrumento da helenização é a *paidéia* grega. A paidéia, normalmente traduzida por "educação", não é apenas a técnica que se aplica à criança (*país*). A paidéia é também a cultura, e os latinos traduzem-na por *humanitas*. Assim, "o que une todos os gregos sem exceção, gregos da própria Grécia, emigrantes aglomerados desde o deserto da Líbia até as estepes da Ásia central, bárbaros, enfim, recentemente helenizados, é o fato de buscarem eles adaptar-se a um mesmo tipo ideal de humanidade, o fato de terem recebido a mesma formação orientada para esse fim comum – a mesma educação"[12]. A paidéia tem, enfim, a mesma noção que damos à palavra "civilização".

De todas as instituições educativas gregas, a mais característica, a mais oficial, a que se implanta por toda a parte onde chegam os gregos e que, por sua vez, é poderoso instrumento de implantação do helenismo, é a *efebia*. O termo efebia vem de *éfêbos*, "jovem", "efebo". A instituição é introduzida em Atenas no último terço do século IV

12. MARROU, H.-I. *História da educação na antigüidade*, p. 159.

aC. A efebia ática se assemelha ao nosso serviço militar obrigatório. Os *demos* (= distritos) fazem as listas dos jovens cidadãos que chegam aos 16 anos, que são alistados e cumprem dois anos de serviço: o primeiro nas casernas do Pireu, onde recebem educação física e militar; o segundo é empregado em manobras de campanha, guarda nos postos de fronteira e funções de milícia. Sustentados pelo Estado – recebem 4 óbolos por dia[13] – os efebos usam roupa característica: o pétaso – um chapéu de abas largas – e um manto negro. Aos 18 anos o jovem ateniense atinge a maioridade civil.

Mas a efebia ateniense não é apenas uma instrução militar: é uma iniciação cívica, moral e religiosa aos deveres e direitos do cidadão. É toda ela marcada pela ideologia da *pólis*. O curioso é que Atenas reage à sua desintegração quando não há mais conserto: a partir de 300 aC mais ou menos, a efebia perde o seu sentido militar, transformando-se em uma agremiação escolar onde se ensina a literatura e a filosofia. Observa H.-I. Marrou: "Ela não desaparecerá, mas, por uma evolução paradoxal, esta instituição, concebida para ser posta a serviço do exército e da democracia, transformou-se, nessa Atenas nova onde triunfa a aristocracia, num pacífico colégio em que uma minoria de jovens ricos vem iniciar-se nos refinamentos da vida elegante"[14].

Entretanto, na época helenística pode-se ver a efebia espalhada em mais de uma centena de cidades. E aí também, como em Atenas, a efebia é mais aristocrática do que cívica, mais esportiva do que militar. O que os gregos das colônias querem é que seus filhos sejam iniciados na vida grega e no gosto pelos exercícios atléticos, fator cultural que imediatamente diferencia um grego de um bárbaro. A efebia, nas colônias, é fator de helenismo e, por isso, fator de aristocracia.

A efebia funciona normalmente no ginásio. E há, então, magistrados encarregados pela cidade de dirigir a instituição. A função mais conhecida é a do *ginasiarca* ou "chefe do ginásio": é um cidadão importante, influente e normalmente rico que assumirá esta função. Abaixo do ginasiarca há um encarregado da instrução dos efebos, chamado *pedótriba*: é um educador que une os conhecimentos das práticas esportivas às regras de higiene e às técnicas de desenvolvimento do corpo. Abaixo dele há o "chefe dos efebos" que comanda diretamente os jovens.

No ginásio o atleta faz seus exercícios totalmente nu, pés nus e cabeça descoberta. Antes e depois dos exercícios, o corpo é friccionado com azeite, para o aquecimento, no primeiro caso, e para relaxamento no segundo caso. Após ser massageado, o atleta se cobre com fina camada de poeira, para proteger a pele da transpiração, do vento e do sol.

Os ginásios são numerosos no mundo helenístico e bastante semelhantes na sua estrutura. Atenas, por exemplo, tem três ginásios. H.-I. Marrou descreve o ginásio

13. Um óbolo é igual a 1,03 gramas. No século IV aC o salário de um operário qualificado é de 2 ou 2,5 dracmas por dia e o de um operário não-qualificado é de 1 dracma por dia ou de 6 óbolos, pois 1 dracma = 6,18 gramas.

14. MARROU, H.-I., *o.c.*, p. 171.

inferior de Priene, cidade da Jônia, como um tipo padrão[15]. A palestra, área onde se praticam os exercícios, mede de 34 a 35 metros de lado. É um pátio coberto de areia. O vestiário, a entrada do ginásio e uma êxedra[16] ficam do lado oeste. No lado norte há cinco salas: os lavatórios, uma instalação bastante simples de chafarizes que jogam água num tanque para o banho frio; ao seu lado o depósito de azeite e, em seguida, a mais importante, o efebeum que é uma bela sala com as paredes revestidas de mármore, uma série de pilastras e a estátua do benfeitor ou mecenas do ginásio. Aí se reúnem os efebos para as conferências. Após o efebeum vem a sala onde se exercita pugilismo com um saco de areia e, finalmente, o depósito de areia e salão de massagens.

A pista de corrida se estende em direção nordeste: o estádio de Priene tem 191 metros de comprimento e 18 metros de largura. Da mesma extensão do estádio é uma pista coberta, para exercícios sob mau tempo. As arquibancadas para o público ficam entre o estádio e a pista coberta.

As duas disciplinas características do ensino superior grego, e que são ensinadas no ginásio, são especialmente a retórica e a filosofia. Mas o quadro completo é composto pelas sete "artes liberais": gramática, retórica, dialética, geometria, aritmética, astronomia e teoria musical. Só que a cultura adquirida pelos efebos é superficial, pois a efebia helenística dura apenas um ano e o ambiente é de uma frivolidade tipicamente aristocrática.

Essencial na educação literária ministrada no ginásio é a leitura dos clássicos. E entre os clássicos, o mais clássico reina supremo: *Homero*. E em Homero a Ilíada[17]. Quero aqui apenas chamar a atenção para *três elementos* importantes na obra de Homero, presentes tanto na "Ilíada" quanto na "Odisséia" e que certamente passam a fazer parte da mundivisão dos jovens efebos na época helenística[18].

O primeiro elemento é a significativa presença dos deuses na epopéia homérica. Em ambos os poemas, as ações se desenvolvem sempre em dois planos: o dos homens e o dos deuses. Mas estes planos estão entrelaçados: os deuses, apesar de imortais e sobre-humanos, têm paixões e sentimentos como os homens e participam de seu mundo e de seus conflitos.

Na *Ilíada,* por exemplo, os deuses participam da guerra entre os aqueus e os troianos: uns lutam do lado dos aqueus, como Hera, Atenas e Posêidon, enquanto outros estão do lado dos troianos, como Apolo. E eles lutam mesmo, segundo o poema, às vezes entre si, outras vezes apoiando os humanos com ardor e obstinação.

15. Cf. MARROU, H.-I., *o.c.*, p. 203-207.

16. *Êxedra* é um pórtico com assentos e serve como sala de conferências ou auditório.

17. Homero é o maior poeta épico grego, autor da "Ilíada"e da "Odisséia". Homero é provavelmente do século IX aC e sua linguagem o relaciona com os dialetos jônio e eólio da Ásia Menor. A Ilíada, em 24 cantos, conta um episódio do cerco de Tróia (também chamada Ílion) pelos gregos, por volta de 1200 aC, no seu décimo ano. O assunto é a cólera de Aquiles, causada por uma afronta cometida contra ele por Agamêmnon, líder das forças gregas.

18. Cf. HARVEY, P. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*, verbetes *Ilíada* e *Odisséia*.

Mas não é apenas na guerra que os deuses estão presentes. Também nas várias situações cotidianas vividas pelos heróis homéricos os deuses se manifestam. E, na *Odisséia*, especialmente, com carinhosa familiaridade, como o encontro de Ulisses e Atenas no canto XIII.

O segundo elemento que é necessário salientar na obra homérica é o modelo de sociedade que aí aparece. O mundo da Ilíada e da Odisséia é um mundo aristocrático. Seus homens são heróis, seus heróis são reis e sua virtude fundamental é a bravura. O herói busca a glória e evita a covardia. Isto acontece tanto na guerra, que é o mundo da Ilíada, quanto na paz, que é o mundo da Odisséia. Outras virtudes praticadas pelos heróis: a hospitalidade, a cortesia e a ternura.

O último elemento para o qual chamo a atenção é a visão da vida em Homero: tudo é belo e grandioso, mesmo na guerra. "Existem belas taças, belas armas cinzeladas, capacetes resplandecentes, tecidos brilhantes, ricas moradas, vastos celeiros, onde o óleo guardado exala um perfume suave, e naus bem ajustadas, que correm sobre o mar. Os personagens, divinos ou humanos, são igualmente belos – pelo menos quando pertencem à aristocracia principesca. Os guerreiros são todos grandes e fortes. Todas as mulheres têm braços alvos"[19]. Enfim, uma visão otimista da vida, uma visão aristocrática que na época helenística é saboroso alimento para os espíritos gregos, conquistadores do Oriente e exploradores de suas riquezas.

Além de Homero, os outros três pilares da cultura helenística são *Demóstenes, Eurípedes e Menandro.*

Demóstenes, considerado o maior dos oradores gregos, nasce em Atenas em 382 aC e morre em 322 aC. Temos hoje 61 discursos atribuídos a Demóstenes, mas é possível que alguns deles não sejam autênticos. Entre seus discursos destacam-se as quatro "Filípicas" – pronunciadas contra Filipe II –, as três "Olínticas" (também contra Filipe II), e a "Oração da Coroa", pronunciada em 330 aC (contra Ésquines), considerado o maior discurso do maior dos oradores[20].

Eurípedes é um grande dramaturgo do século V aC. Das suas 18 tragédias conservadas, 17 são da época da guerra do Peloponeso (431-404 aC) e freqüentemente possuem a marca da guerra. Eurípedes, apesar de ter escrito peças patrióticas, nas quais exalta Atenas, tem horror à guerra e prega a paz. Em *Helena*, que estréia em 412 aC, canta o coro:

> "Sois insensatos, vós que buscais a glória nos combates, entre as armas belicosas, crendo, em vossa ignorância, encontrar nelas um remédio para as misérias dos mortais".

19. DE ROMILLY, J. *Fundamentos de literatura grega.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984, p. 38.

20. Sobre Demóstenes, cf. HARVEY, P., *o.c.*, verbete *Demóstenes*; DE ROMILLY, J., *o.c.*, p. 155-164. Esta autora observa na p. 161: "Demóstenes era democrata, mas precisamente por essa razão parecia-lhe que o verdadeiro remédio para todos os males possíveis seria o fortalecimento dos costumes democráticos. Para isso ele reclama duas coisas: o respeito à lei, e a vontade, da parte do povo, de aceitar suas responsabilidades".

É um mundo bem diferente do homérico. No mundo de Eurípedes os homens sofrem e o seu sofrimento é mostrado de modo realista e intenso em suas tragédias. Mas no mundo desencantado de Eurípedes os homens reagem e debatem tudo, à maneira sofista: todas as idéias, todas as dúvidas, todos os problemas são colocados na boca de seus personagens. E Eurípedes condena aqueles que tratam bárbaros e escravos como seus inferiores. Eurípedes é um desiludido observador crítico de seu tempo e em 408 aC deixa Atenas para ir morrer, dois anos depois, na Macedônia. Morre dois anos antes da derrota da cidade na guerra do Peloponeso.

Vamos, finalmente, a *Menandro*. Este comediógrafo nasce por volta de 342 aC e vive até 292 aC em Atenas. Escreve cerca de 100 comédias, só que a maioria se perde: de algumas só temos fragmentos, de outras temos imitações latinas, como as de Plauto e Terêncio. Estréia sua primeira peça exatamente no começo do helenismo, em 320 aC, apenas dois anos após a morte de Alexandre.

"*Sou humano, e nada do que é humano me é estranho*": esta frase, que está na peça *O atormentador de si mesmo* de Terêncio, é com certeza de Menandro, e nos dá a chave para seu pensamento. Os homens precisam uns dos outros. A solidariedade humana é fundamental, acredita Menandro, pois o que os homens possuem de mais característico é exatamente a sua humanidade. "*Que criatura agradável é o homem, quando ele é um homem*": este seu belo verso é uma síntese desta pregação. J. de Romilly completa: "Esse sentimento de fraternidade humana corresponde aos novos tempos, nos quais a cidade já não limita o horizonte do homem; o cosmopolitismo dos filósofos se reflete nele"[21].

A época helenística se mostra nas comédias de Menandro também como um tempo que exige solidariedade porque é um tempo de atribulações e tormentos. Em suas peças aparecem constantemente crianças não-identificadas que não conhecem o pai: este viajara para longe ou a criança fora abandonada. Mas a solidariedade está presente sob a forma da ternura e da amizade que deve reinar entre as pessoas. E assim termino com outro dito célebre de Menandro: "*Viver é isto: não viver somente para si mesmo*".

Sobre o ginásio de Jerusalém não temos testemunhos diretos de seu funcionamento. Mas podemos supor grande semelhança com os ginásios das outras cidades palestinas e fenícias. Sobre sua influência, é emblemático o que diz 2Mc:

> "Verificou-se, desse modo, tal ardor de helenismo e tão ampla difusão de costumes estrangeiros (...) que os próprios sacerdotes já não se mostravam interessados nas liturgias do altar. Antes, desprezando o Santuário e descuidando-se dos sacrifícios, corriam a tomar parte na iníqua distribuição de óleo no estádio, após o sinal do disco. Assim, não davam mais valor algum às honras pátrias, enquanto consideravam sumas as glórias helênicas" (2Mc 4,13a.14-15).

21. DE ROMILLY, J., *o.c.*, p. 219.

Conclusão

Após a divisão do império de Alexandre em vários reinos, sabemos que o sistema administrativo tanto ptolomaico quanto selêucida foi um instrumento extremamente ativo no processo de helenização da Palestina. Mas, cumpre lembrar que, nesta época, apenas a aristocracia judaica tem acesso ao universo social grego. A grande massa da população sofre o processo, mas muitas vezes não se integra nele ativamente.

Porém, os mecanismos da helenização continuam a ser implantados, e Roma, herdeira do helenismo, e ela mesmo helenizada, é quem o torna geral, amplo e irreversível. Por isso, para terminar, é sempre valioso dar uma olhada na época em que o idumeu Herodes Magno governa a Palestina, ou seja, de 37 a 4 aC. Pois é sob Herodes que o processo helenizante se instala solidamente entre os judeus.

Em 37 aC Herodes torna-se o senhor da Palestina e governa o povo judeu durante 34 anos. Casa-se com Mariana I, neta de Aristóbulo II e Hircano II, entrando definitivamente para a família asmonéia[22].

Herodes luta com decisão para consolidar o seu poder. Isto significa, antes de mais nada, que ele elimina, através de assassinatos e intrigas várias, adversários seus, inclusive alguns membros de sua família – como esposas, filhos, sogra, sobrinhos. Consolidado o poder, constrói obras grandiosas na Judéia. Templos, teatros, hipódromos, ginásios, termas, cidades, fortalezas, fontes. Reconstrói totalmente o Templo de Jerusalém, a partir do inverno de 20-19 aC. Valorizando o culto, Herodes Magno ganha para si o povo. Construindo fortalezas, controla possíveis revoltas. Matando seus inimigos, seleciona seus herdeiros. Apoiando a cultura helenística, aparece diante do mundo. Servindo fielmente a Roma, conserva-se no poder.

Entretanto, Herodes não tem legitimidade judaica, pois descende de idumeus e sua mãe é descendente de árabe. Assim, por ser estrangeiro, não tem para com os judeus nenhuma relação de reciprocidade e sua legitimidade se funda na própria estrutura do poder exercido[23]. Por isso, Herodes constrói uma estrutura de poder independente da tradição judaica: nomeia o sumo sacerdote do Templo, destituindo os Asmoneus e nomeando um sacerdote da família sacerdotal babilônica e, mais tarde, da alexandrina; exige de seus súditos um juramento que obriga a pessoa a obedecer às suas ordens em oposição às normas patriarcais e, se a pessoa recusar o juramento, é perseguida; interfere na justiça do Sinédrio; manda vender os assaltantes e os revolucionários políticos capturados como escravos no exterior, sem direito a resgate, fazendo da venda à escravidão e da execução pessoal (a morte) normas comuns do arrendamento estatal.

22. Cf. SAULNIER, C./ROLLAND, B. *A Palestina no Tempo de Jesus.* São Paulo: Paulus, 1983, p. 21-24.

23. Cf., para o que se segue, KIPPENBERG, H.G. *Religião e formação de classes na antiga Judéia.* São Paulo: Paulus, 1988, p. 109-116.

Mas, se ele viola assim a tradição, como consegue legitimidade? A estrutura de poder do Estado sob Herodes é bem diferente da estrutura da época dos Macabeus: o rei é legitimado como pessoa e não por descendência e o poderio não se orienta pela tradição, mas pela aplicação do direito pelo senhor. O direito à terra é transmitido pela distribuição, pois o dominador a dá ao usuário: é a "*assignatio*". A base filosófica helenística é que legitima o poder do rei, quando diz que o rei é "lei viva" (*émpsychos nómos*), em oposição à lei codificada, ou seja: o rei é a fonte da lei, porque ele é regido pelo "*nous*". O rei tem função salvadora e, por isso, dá aos seus súditos uma ordem racional, através das normas do Estado: "O rei em sua pessoa é a continuação do seu reino e o salvador de seus súditos"[24].

Além disso, o poder militar de Herodes se baseia em mercenários estrangeiros que ficam em fortalezas ou em terras dadas aos mercenários (cleruquias) por ele (terras no vale de Jezrael), e nas cidades não-judaicas por ele fundadas, a cujos cidadãos ele dá como posse o território que as rodeia, com os camponeses dentro!

Bibliografia

De Romilly, J. *Fundamentos de literatura grega*, traduzido do francês por Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984.

Harvey, P. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*, traduzido do inglês por Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

Hengel, M. *Judaism and Hellenism. Studies in their Encounter in Palestine during the Early Hellenist Period I-II,* traduzido do alemão. London: SCM Press, 1981.

Kippenberg, H.G. *Religião e formação de classes na antiga Judéia*, traduzido do alemão por João Aníbal G.S. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1988.

Lévêque, P. *Impérios e barbáries do século III aC ao século II dC*, traduzido do francês por Ana Maria Rabaça. Lisboa: Dom Quixote, 1979.

Lévêque, P. *O mundo helenístico*, traduzido do francês por Teresa Meneses. Lisboa: Edições 70, 1987.

Marrou, H.-I. *História da educação na antigüidade*, traduzido do francês por Mário Leônidas Casanova. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1990, 5ª reimpressão.

Préaux, C. *Le monde hellénistique, La Grèce et l'Orient (323-146 av. J.-C.) II.* Paris: Presses Universitaires de France, 1988[2].

Saulnier, C. & Rolland, B. *A Palestina no tempo de Jesus*, traduzido do francês por José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 1983.

Airton José da Silva
Rua Domingos Gomes de Carvalho, 867
14340-000 Brodoski, SP

24. KIPPENBERG, H.G., *o.c.*, p. 114.